

REFLEXÕES SOBRE HEGEMONIA, ESQUERDA, DIREITA E ESGOTAMENTO DE NARRATIVAS NO DEBATE PÓS-ESTRUTURALISTA

CAROLINA COSTA DOS SANTOS¹,
BIANCA DE FREITAS LINHARES²

¹*Universidade Federal de Pelotas – soleitzcarolina@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – bipolitica@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Diversos estudos trataram de aplicar a noção de populismo de Ernesto Laclau para a compreensão do campo político. Na contramão disso, escassos trabalhos dedicaram-se a abordar a atuação política em seus mais distintos meandros a partir da noção de hegemonia, especialmente considerando uma análise narrativa de governos e de governos em potencial.

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a dicotomia esquerda-direita a partir do movimento do pós-estruturalismo e tendo como pano de fundo a ascensão e a crise de uma narrativa que se pretendeu hegemônica, observada no chamado Ciclo Progressista ou Maré Rosa da América Latina. Compreende-se, para fins desta pesquisa, o progressismo enquanto contra-hegemonia no contexto latino-americano. A construção de sua narrativa seria um embate direto com a perspectiva hegemônica vigente, perspectiva esta responsável apenas em parte pela derrocada da narrativa desse movimento. A construção de uma narrativa que pretende universalizar seu discurso – daí a noção de hegemonia em Ernesto Laclau (2004) – se constrói enquanto uma tentativa de superar o modelo então hegemônico de dominação nos mais distintos campos, seja cultural, seja político. Diante disso, apresentar-se-á brevemente o progressismo na América Latina, além de tocar nas noções de hegemonia de Laclau e de hegemonia e contra-hegemonia de Gramsci, tendo como pano de fundo a ascensão e a queda do progressismo latino-americano, queda essa traduzida principalmente no que é considerado o esgotamento da narrativa dos governos de esquerda na América Latina. Nosso objetivo, diante dessa exposição, é tratar o esgotamento das narrativas como pano de fundo para debater a (im)possibilidade de uma essencialização das terminologias esquerda e direita.

2. METODOLOGIA

Enquanto uma proposta essencialmente reflexiva, o presente trabalho parte de uma breve revisão bibliográfica. Tem-se, como pano de fundo, essencialmente a discussão do esgotamento das narrativas dos governos de esquerda na chamada Maré Rosa Latino-Americana.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A utilização da terminologia esquerda e direita (e em menor medida de “centro”) pareceu ter se imiscuído por todos os projetos de classificação de partidos e demais atores políticos. Tal dicotomia, até então solidamente calcada em um projeto de classificação que visa atribuir um posicionamento no continuum ideológico, atualmente é centro de alguns debates que não centram-se essencialmente no posicionamento dos atores políticos, mas na essencialização destes conceitos. Afinal, há uma essência do que seja esquerda e direita? Na contemporaneidade, marcada por uma miríade de crises que colocam em xeque quaisquer essencializações, definir o que é esquerda e direita e, mais ainda, o que é ideologia torna-se uma tarefa de peculiar complexidade.

A Teoria do Discurso de Ernesto Laclau prevê a apreensão do social a partir do discurso. Enquanto pós-estruturalista, o autor defende a impossibilidade de estabelecer quaisquer sentidos finais. O dissenso quanto a uma definição mesmo simbólica de conceitos leva à percepção do social enquanto hermenêutico, contingente e precário em essencializações.

A impossibilidade de conhecimento pleno da sociedade é uma afirmativa fundamental na perspectiva laclauiana, em função mesmo da fixação precária e contingente de sentidos ao longo da história. No caso da política, para retomar a teoria clássica de Marx, “não existe, portanto, para Laclau, a real possibilidade de se chegar ao “fim da história”, ou seja, à vitória de um projeto político definitivo, típico sonho escatológico marxista” (MENDONÇA, 2009, p. 156).

Segundo Mendonça (2009) os sentidos sociais atribuídos são sempre pautados pela precariedade e pela contingência, o que torna impossível a apuração das relações sociais fora do contexto no qual encontram-se inseridas, de modo que “somente a partir daí, da análise *stricto sensu* de discursos em disputa, é que podemos produzir inferências” (MENDONÇA, 2009, p. 156). No que se refere à precariedade, um dos aspectos essenciais a que está subordinada a fixação de sentido, essa diz respeito à ideia de que um discurso pode alcançar uma representação hegemônica durante um certo período de tempo, mas devido à complexidade da sociedade, essa hegemonia não se constituirá para sempre. Na perspectiva de Ernesto Laclau, não há a possibilidade de vislumbrar quaisquer cenários finais. Sendo assim, “a emancipação, entendida como a libertação completa de todas as amarras sociais, é um sonho, um ideal, um horizonte, ao mesmo tempo em que é uma impossibilidade fática” (MENDONÇA, 2009, p. 157).

De acordo com Pereira (2011) alguns governos do Ciclo Progressista da América Latina distanciaram-se de um discurso considerado mais radical e, ainda de acordo com estudos realizados pelo autor, os governos de esquerda com discurso mais radical produziram, essencialmente, políticas mais afastadas de ideias liberais. Isso significa que características do partido e do sistema partidário através do qual se chega ao poder moldam as características do governo.

Embora sejam diversas e de suma importância as explicações ou tentativas de explicações para a crise do Ciclo Progressista na América Latina, não é nosso objetivo estudá-las ou mesmo estabelecer respostas definitivas para a compreensão desse esgotamento, sendo nosso objetivo tão somente apontar algumas reflexões, a partir de Laclau e de Gramsci, para a compreensão do chamado esgotamento da narrativa dos governos de esquerda. É perceptível, no entanto, neste cenário, o que Gramsci chamaria de crise orgânica. Isso implica dizer a iminência ou a consolidação de uma crise de longa duração, mas que em algum momento alcança a capacidade – ou busca alcançar a capacidade de construção de um novo bloco hegemônico. No caso do Ciclo Progressista, uma das críticas a narrativa de esquerda foi sua incapacidade de produzir um discurso novo, isto é, estabelecer uma fixação de sentido para além da demanda inicial.

Apontar a crise da hegemonia enquanto uma crise de universalização do conteúdo implica, no campo político, em tratar da dicotomia esquerda-direita como um dos principais embates ideológicos do campo. Nessa seara, a tentativa de universalização do conteúdo é perceptível através da construção de um discurso que busque continuamente a expansão de sua cadeia de significados. Antes de mais nada, cumpre retomar nossa questão inicial: é possível definir esquerda-direita? Considerando a impossibilidade de apreensão última – ou de quaisquer essencializações?

Ao tratar da utilização da terminologia esquerda-direita, Silva (2014) ressalta que “a linha adotada muitas vezes é a de que essa filiação ideológica não tem um significado próprio, é um sentimento e o eleitor subjetivamente sabe se é de direita ou de esquerda” (SILVA, 2014, p. 151). Silva (2014) a partir de um conjunto de pressupostos, assim definirá cada um destes conceitos: “A esquerda é o espectro ideológico que pretende empoderar grupos sub-representados nas esferas de poder; e a direita é o espectro ideológico que pretende preservar ou ampliar os poderes de grupos já devidamente representados nas esferas de poder” (SILVA, 2014, p. 156). Diversos autores (BOBBIO, 2001; BRESSER-PEREIRA, 1997) buscaram uma definição para este paradigma interpretativo – do posicionamento no continuum ideológico, isto é, uma classificação para os atores políticos entre esquerda, direita e suas ramificações – sendo nosso objetivo, no entanto, não enveredar pelo caminho de uma classificação em definitiva — aliás, aqui não há espaço para essencializações — mas refletir quanto a essa terminologia considerando as possibilidades do debate pós-estruturalista.

De acordo com Jakobson (2007), os signos linguísticos arranjam-se de dois modos distintos, mas complementares: através da combinação e da seleção. Jakobson postula que

“todo signo é composto de signos constituintes e/ou aparece em combinação com outros signos. Isso significa que qualquer unidade linguística serve, ao mesmo tempo, de contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu próprio contexto em uma unidade linguística mais complexa. Segue-se daí que todo agrupamento efetivo de unidades linguísticas liga-as numa unidade superior: combinação e contextura são as duas faces de uma mesma operação” (JAKOBSON, 2007, p. 39).

Do mesmo modo, “uma seleção entre têrmos [sic] alternativos implica a possibilidade de substituir um pelo outro, equivalente ao primeiro num aspecto e diferente em outro. De fato, seleção e substituição são as duas faces de uma mesma operação” (JAKOBSON, 2007, p. 40).

O pós-estruturalismo encontra em Jacques Derrida seu principal expoente. O autor, criticando o papel do centro na estrutura, propõe um estudo para além dos seus limites. Enquanto um movimento que surgiu quase de modo concomitante ao estruturalismo – movimento que critica e que tem Lévi-Strauss como “pai” – o pós-estruturalismo prevê uma radicalização e a superação de alguns postulados do estruturalismo, mas sem negar a estrutura em si, mas reforçando a necessidade do estudo do que está além dos limites estruturais. A terminologia esquerda-direita, a despeito de encontrar-se solidamente afixada no debate político, apresenta significados – e um sentido – sempre em construção. A essencialização, “uma noção” do que seja esquerda e direita de modo, obviamente, subjetivo, é o pano de fundo para a busca de uma fixação de sentido que objetiva uma essencialização. E é exatamente isso que se tem encontrado nos escritos dos polítólogos brasileiros e que este breve texto procura criticar.

4. CONCLUSÕES

Não cabe a nós engendrar na tentativa de encontrar uma resposta para o esgotamento da narrativa que resulta não menos que diretamente no fim do ciclo dos governos progressistas na América Latina, especialmente considerando a dificuldade de tamanha empreitada. Cabe, entretanto, para compreender as relações entre a ascensão de um discurso contra-hegemônico e sua queda pelo domínio da hegemonia, compreender quais as principais críticas que se fazem aos projetos de governo de esquerda.

O período de crise dos governos progressistas latino-americanos, como o foi a derrota nas urnas em 2015 no caso *kirchniano*, ou as intensas manifestações

contrárias a então presidente Dilma Rousseff no mesmo ano, levaram a questionamentos quanto ao esgotamento da narrativa progressista latino-americana, a despeito de todos os governos de esquerda terem tido apoio de boa parte da população. De acordo com Cavas (2016), é nesse contexto que surge a necessidade de afastar oposições essencialistas como “imperialismo e anti-imperialismo, progressismo e neoliberalismo, esquerda e direita, categorias que talvez fossem válidas neste subcontinente nos anos 70 ou, com demasiada licenciosidade analítica, nos 90” (CAVAS, 2016, p. 17). As transformações – ou a transposição dos limites da estrutura – aqui atuam enquanto fator-chave para a compreensão do esgotamento de narrativas. A transposição de limites estruturais impede a essencialização de conceitos. A infinidade de possibilidades, ainda, impede a fixação de um sentido que é sempre relacional. Mesmo uma “noção” do que sejam quaisquer paradigmas interpretativos de posicionamento em um espectro ideológico debatem-se numa única perspectiva: dissenso quanto ao estabelecimento de quaisquer essencializações.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOBBIO, Norberto. Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Por um partido democrático, de esquerda e contemporâneo. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo: Lua Nova, n. 39, 1997, pp. 53-71.

CARNOY, Martin. Gramsci e o Estado. In: **Estado e Teoria Política**. Campinas: Papirus, 1994. p. 89-118.

CAVAS, Bruno. Podem os governos progressistas sobreviver ao próprio sucesso? In: MENDES, Alexandre F; FALBO, Ricardo Nery; TEIXEIRA, Michael (Orgs). **O fim da narrativa progressista na América do Sul: entre impasses e alternativas constituintes**. Juiz de Fora: Editar Editora Associada Ltda, 2016. p 15-26.

JAKOBSON, Roman. Linguística e comunicação. 24ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

MENDONÇA, Daniel De. Como olhar o político a partir da teoria do discurso. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, nº 1, p. 153-169. jan.-jun. 2009.

PEREIRA, Fabricio. **Vitórias na crise:** trajetórias das esquerdas latino-americanas contemporâneas. Rio de Janeiro: Ponteio, 2011.

QUADROS, Marcos Paulo dos Reis; MADEIRA, Rafael Machado. Direita e esquerda: conceitos em agonia na política contemporânea? V Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUCRS, 2010, pp. 184-187).

SILVA, Gustavo Jorge. Conceituações teóricas: esquerda e direita. **Humanidades em diálogo**, São Paulo, v. 6, nov. 2014, pp. 149-162.